

Raparigas em Nampula resgatam outras raparigas de casamentos prematuros e levam-nas de volta aos bancos da escola



Uma iniciativa de raparigas voluntárias tem estado a mudar o rumo da vida de dezenas de outras raparigas e adolescentes, na região Centro-Norte do país, resgatando-as de casamentos prematuros e ajudando-as a regressarem aos bancos da escola. Estas raparigas, designadas por "mentoras" têm ajudado outras meninas a prevenirem

se de diferentes riscos associados à gravidez precoce, como a mortalidade materno-infantil, a fistula obstétrica, a violência e a contaminação com infeções de transmissão sexual, incluindo o HIV.

Uma equipa de pesquisa do SEKELEKANI esteve recentemente em diferentes distritos da província de Nampula, onde testemunhou o trabalho

destas voluntárias, inserido num programa designado por Rapariga Biz.

Sem preocupação em receber qualquer remuneração pelo trabalho que realizam, as mentoras justificam o seu empenho dizendo que "erros de percurso" de raparigas sem qualquer preparação nem experiência de vida, muitas vezes cometidos por decisões dos pais e falta de informação, não devem constituir chaga para o resto das suas vidas, mas sim motivo de aprendizagem para a mudança.

O seu principal foco é combater a prática de casamentos prematuros e consequente gravidez precoce, a partir de dentro das suas próprias comunidades, e expandindo-se para mais longe.

"Nós ficamos muito tocadas com a situação destas meninas; o nosso objectivo é ajudar a reduzir os casamentos e a gravidez precoces. Nós procuramos ajudá-las na mudança de comportamento, inclusive encorajando-as a

optarem por fazer pequenos negócios, como forma de ajudar os pais a diminuir a pobreza, causa que estes evocam para forçar-las a unirem-se cedo, muitas vezes com homens muito mais velhos do que os seus próprios pais", dizem as mentoras.

Levar as raparigas de volta à escola ou promover o seu ingresso e retenção constitui um dos objectivos centrais do trabalho das mentoras. Patrícia Helena é mentora desde há dois anos. Ela refere que o que a motivou a envolver-se neste trabalho é o amor ao próximo. "Eu me senti na obrigação de ajudar outras meninas da minha comunidade; senti o sofrimento delas e quis ajudar a aliviar essa sua dor.

Muitas outras meninas desistiram desta actividade, devido as condições difíceis em que trabalhamos, mas eu decidi continuar, pois percebi que devia fazer este trabalho", afirma Patrícia.

Jornal Savana, Divulgações, 13.10.2012, Pág 16, ed. 1240